# Sobre a indução\* - 30/05/2019

Como Russell nos mostrou até agora[i], o conhecimento das coisas existentes e  
que adquirimos pela nossa experiência nos limita e ampliar esse conhecimento  
passa pela inferência (p.ex. sabermos que o barulho do trovão é sempre  
precedido por um raio, etc.). A respeito do sol que nasce todo dia, Russell se  
pergunta se confiar que ele nascerá novamente amanhã é um resultado cego do  
que vemos diariamente ou poderia ser uma crença razoável.  
  
Ele argumenta que é plausível supor que o sol nasça amanhã porque nasce todos  
os dias (resultado cego), mas podemos inferir essa crença das leis do  
movimento da terra, dos astros, etc., leis essas em que confiamos porque  
sempre aconteceram (crença razoável). Ou seja e ainda assim, a probabilidade  
do sol nascer amanhã se basearia nas nossas observações diárias e, por isso,  
\_coisas que ocorrem frequentemente seriam a causa para que acreditemos que  
continuem ocorrendo frequentemente\_ , embora possam ser enganosas, às vezes.  
Nesse sentido, Russell cita o inusitado caso do frango que sempre foi  
alimentado diariamente por seu dono até que teve seu pescoço torcido. Então,  
não estaríamos na mesma posição desse frango? Que certeza nós teríamos para  
esperar que tais eventos ocorram?  
  
A pergunta se volta se podemos crer nessa \_uniformidade da natureza\_ , onde há  
leis gerais como as leis do movimento e a lei da gravidade que são usadas pela  
ciência e tomadas como “sem exceção”. Elas se mostram válidas até agora, mas  
podemos crer que o que houve no passado continuará a ocorrer, por alguma razão  
específica? Haveria uma lei garantidora do futuro que não o próprio passado  
(que já foi futuro...)? Há garantias de que duas coisas que normalmente estão  
associadas continuarão a estar? A partir dessas perguntas, Russell diz: “On  
our answer to this question must depend the validity of the whole of our  
expectations as to the future, the whole of the results obtained \_by  
induction\_ , and in fact practically all the beliefs upon which our daily life  
is based.”  
  
Logo, estamos no terreno da probabilidade que, se pode sempre aumentar, nunca  
é certa já que o último exemplo pode ser uma falha (lembremos do frango!!).  
Russell, então, define o \_princípio da indução\_ baseado na frequência da  
associação em que, se elevando a probabilidade, pode chegar à certeza. E do  
particular ele formula a regra geral:  
  
“(a) The greater the number of cases in which a thing the sort A has been  
found associated with a thing the sort B, the more probable it is (if no cases  
of failure of association are known) that A is always associated with B;  
  
(b) Under the same circumstances, a sufficient number of cases of the  
association of A with B will make it nearly certain that A is always  
associated with B, and will make this general law approach certainty without  
limit.”  
  
Essa probabilidade, conclui Russell, se assenta em um conjunto de dados  
verificados e novos dados não a invalidam, mas criam um novo quadro. Apesar  
disso, se o princípio da indução não é garantidor do futuro, ele é um grande  
aliado nas convicções diárias pois as leis gerais, a despeito das inúmeras  
evidências, por si só nada dizem sobre o futuro, se não se assentarem em tal  
princípio.  
  
   
  
\* \* \*  
  
   
  
\* Bertrand Russell, Problems of Philosophy. ON INDUCTION. Acessado em 28/05/2019: <http://www.ditext.com/russell/rus6.html>.  
  
[i] Dos fichamentos anteriores:  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2019/04/o-mundo-nao-existei.html>,  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2019/04/o-espaco-fisico-i.html>,  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2019/05/ideias-de-deus.html>.